Dia 22 — Santa Júlia, Virgem e Mártir

Tendo surpreendido Cartago no ano de 439 Genserico, rei dos vândalos e um dos mais ardentes protetores do arianismo, executou as mais bárbaras crueldades, principalmente nas famílias mais distintas daquela populosa cidade. Resolvido a fixar nela sua corte, quis desembaraçar-se de tudo o que podia causar-lhe algum receio. A primeira que experimentou sua desumanidade foi a nobreza. Tirou a vida, ou os obrigou a que a salvassem fugindo, a todos os que tinham os cargos ou logravam na república algum crédito. Despojou os ricos de suas fazendas e as igrejas de seus ornamentos, apoderando-se de todos os vasos sagrados; e, não contente com reduzir os mais ilustres cidadãos à mendicidade, a todos fez escravos. As mulheres e donzelas de distinção foram vendidas aos mercadores, e por muitos dias foi entregue ao saque a cidade.

Entre estas ilustres escravas achou-se uma da primeira nobreza, chamada Júlia, que, tendo sido educada com o maior cuidado nas santas máximas da religião cristã, havia feito maravilhosos progressos na virtude e era a admiração de toda a cidade. Arrancada do seio de sua família, foi vendida a um mercador gentio chamado Eusébio, que a conduziu à Síria. Facilmente se deixa considerar quanto sentiria Júlia uma mudança tão espantosa de condição. Acostumada a ser servida e a viver delicadamente, viu-se reduzida à triste sorte de servir e de viver como uma vil escrava.

Só achou consolo na religião e em sua própria virtude. A vista de Jesus crucificado temperava a amargura de seu coração e detinha a torrente de suas lágrimas. Conheceu que, por servir a um amo idólatra, nem por isso era menos serva de Jesus Cristo; assim dedicou-se a cumprir exatamente todas as obrigações de seu estado, santificando-se mais e mais na penosa e abatida condição de escrava. Bem cedo se fez admirar por sua virginal modéstia, sua compostura, seu porte e sua aplicação aos ofícios a que a destinavam. Estimou-a tanto seu amo que o apreço chegou a ser veneração; e costumava dizer que sentiria menos a perda de todos os seus bens que o perder só a sua escrava.

Este favor que merecia Júlia a seu amo servia-lhe somente para dedicar-se com maior liberdade e com mais ardente fervor aos exercícios de sua santa religião. Jejuava rigorosamente todos os dias; o amo afligia-se ao ver quão mal Júlia se tratava; mas todas as suas instâncias e todos os meios de que se valeu para obrigá-la a comer e a dar-se melhor trato só puderam conseguir que se dispensasse no jejum aos domingos. O amor à castidade deixava-se ver em todas as suas ações, não podendo subir a mais alto grau sua delicadeza nesta preciosíssima virtude. Ainda que sua extraordinária formosura a punha em tantos perigos em meio daqueles pagãos, havia-se feito tão respeitável por sua virtude e por sua modéstia que os pagãos mesmos se portavam com a maior circunspecção quando se achavam em sua presença.

Quando havia acabado os trabalhos da casa (porque sua virtude não se acomodava com a ociosidade), empregava o tempo na oração e na leitura dos livros devotos que pôde salvar do saque de sua casa.

Como se o trabalho de servir não houvesse sido bastante para uma donzela terna, nobre, criada com regalo e com a maior abundância, acrescentava cruéis penitências às penalidades de seu estado. Tinha gravado em seu coração a Jesus crucificado, e esta memória renovava cada dia seu fervor, dando-lhe novo alento e novo gosto nas mortificações cada vez que o contemplava. Na verdade derramava o Senhor em sua alma tão abundantes consolos que sempre se lhe via um semblante risonho, e mal se punha jamais em oração sem que corressem de seus olhos doces e copiosas lágrimas.

O maior elogio da religião que professava Júlia era sua vida exemplar; acreditava-a com suas obras; e seu mesmo amo, ainda que gentio, não cessava de louvar continuamente a religião cristã. Enchia-se nossa santa de consolo ao ver a justiça que se fazia a sua religião; mas nesta prosperidade uma só coisa a afligia, e era parecer-lhe que isto mesmo a punha cada dia mais distante do martírio. A esperança que sempre havia tido de derramar seu sangue por Jesus Cristo era o que a alentava na triste condição em que se via; este era o objeto de suas ânsias, a matéria ordinária de suas orações e a graça singular que incessantemente pedia a Deus por intercessão da santíssima Virgem, a quem professava muito terna devoção: pedia-lhe diariamente com as maiores instâncias que lhe alcançasse de seu querido Filho a palma do martírio.

Sendo tão amada do Filho e da Mãe a humilde serva de Deus, não podia deixar de ser ouvida. Haviam-se já passado alguns anos de sua escravidão na Síria quando a seu amo Eusébio, que fazia nas Gálias um grande comércio com os gêneros mais preciosos do Levante, se lhe ofereceu uma viagem à Provença, e resolveu levar consigo sua escrava. Não podia Júlia resistir à vontade do que tinha autoridade para mandá-la. Embarcou-se, pois, não duvidando de que teria seus altos fins a divina Providência em dispor aquela viagem, na qual não lhe podiam faltar, quando menos, muitas ocasiões de padecer e talvez se lhe proporcionaria a do martírio. Com efeito, achou-a antes de muito tempo. Tendo arribado o navio à ilha de Córsega, mandou Eusébio lançar a âncora; e, noticioso de que os habitantes da ilha, todos idólatras, celebravam uma grande festa em honra de seus falsos deuses, quis assistir a ela e saltou a terra com toda a gente.

Entrou no templo e sacrificou um touro ao demônio. Ao sacrifício seguiu-se o convite e a dissolução, como era de costume. Júlia havia ficado a bordo com parte da tripulação, suspirando do mais íntimo de seu coração, gemendo diante de Deus e chorando amargamente a cegueira daqueles miseráveis idólatras. Alguns criados de Félix, governador da ilha, entraram no navio; e, tendo visto Júlia de joelhos, perguntaram aos da tripulação que fazia ali aquela donzela. Responderam-lhes que era uma escrava do senhor Eusébio, a qual tratava de vãs superstições todas as suas cerimônias e todos os seus sacrifícios, sem poder suportar com paciência nem sequer o nome só dos ídolos. Voltaram a terra os criados do governador e logo lhe contaram que no navio havia uma terna donzelinha que zombava do culto dos deuses e condenava os sacrifícios.

Como era Félix um dos homens mais encaprichados e mais ardentes defensores das superstições pagãs, perguntou a Eusébio por que razão não havia concorrido ao sacrifício toda a tripulação e

quem era uma donzela de pouca idade que vinha no navio e zombava de todas as suas cerimônias. «É, respondeu Eusébio, uma donzelinha cristã, escrava minha, de quem jamais pude conseguir que mude de religião, apesar dos arbítrios de que me tenho valido para este fim; mas no mais é de costumes irrepreensíveis, serve-me grandemente e me tem enfeitiçado sua prudência. Ela é a que governa minha casa, e cada dia admiro mais sua fidelidade.» «Com tudo isso, replicou Félix, aconselho-vos que a obrigueis a que renda aos deuses o devido culto ou, no caso de não querer fazê-lo, a que vos desfaçais dela.» «Nem a um nem a outro me posso resolver, respondeu Eusébio, e o melhor partido que podemos tomar é deixá-la em paz.» «Pois vendei-ma a mim, replicou Félix, que eu vos darei por ela tudo quanto me pedirdes; e, se não quereis dinheiro, escolhei entre todas as minhas criadas aquelas quatro que mais vos agradarem.» «Tudo quanto tendes, respondeu Eusébio, não vale o que ela merece; e antes perderei eu tudo quanto tenho que perdê-la a ela.»

Conheceu o governador que nunca lograria dele que ma entregasse voluntariamente e que era mister recorrer ao artifício. Dispôs, pois, um magnífico banquete, como para cortejar a Eusébio, e teve grande cuidado de embriagá-lo. Logrou-o e, aproveitando-se da ocasião, deu ordem a seus criados que fossem ao navio e trouxessem Júlia a sua presença. Quando a teve diante, disse-lhe com artificiosa ternura: «Não temas, filha minha, que se pretenda fazer-te algum insulto; estou muito informado de tua virtude, e não merecem tuas prendas que gemas por mais tempo no indigno estado de escrava. Quero tomar por minha conta tua fortuna e não peço de ti outra correspondência que a de que venhas ao templo a cumprir com tuas devoções e oferecer sacrifícios a nossos deuses. Eu pagarei a teu amo teu resgate; se quiseres ficar em nossa ilha, não te faltará um esposo digno de tuas prendas e de tua pessoa; e, se gostares de ir-te a outra parte, eu te porei onde escolheres e te equiparei à minha custa de tudo o que necessitares.»

Respondeu Júlia com muita modéstia e compostura, mas com igual resolução, que ela se considerava verdadeiramente livre enquanto tivesse a dita de ser serva de Jesus Cristo, que estava contente com sua condição e que nem pretendia nem pensava em fazer outra fortuna que a do céu. «Mas quanto a esse culto que me propondes, acrescentou levantando a voz para ser ouvida de todos, tende entendido que pelo sumo horror com que olho vossas cegas superstições me faz estremecer só o ouvir semelhante proposição. Sou cristã, e minha maior dita será perder a vida por meu Senhor Jesus Cristo.»

Irritado Félix com tão animosa resposta, mandou esbofeteá-la tão cruelmente que ficou banhado em sangue seu virginal semblante. Disse então a santa: «Meu doce Salvador foi primeiro esbofeteado por mim; grande dita é a minha ser também esbofeteada por meu doce Salvador.» Não podendo Félix conter-se, ordenou que a pendurassem pelos cabelos e que a moessem a pauladas. Teria expirado neste tormento, se não lhe houvesse conservado Deus a vida milagrosamente. Em meio dele ouviu-se-lhe exclamar desta maneira: «Sejais mil vezes bendito, amável Salvador meu, pela insigne graça que concedeis a vossa humilde serva; ditosa eu se mereço ter alguma parte em vossas dores; mas, ah Senhor, e que diferença tão grande! A mim me arrancam os cabelos, e eu vejo uma coroa de espinhos que traspassa vossa sagrada cabeça; verdade é que a mim me quebrantam a pauladas, mas vosso sagrado corpo está despedaçado com cruéis açoites; contra mim vomitam maldições, mas também vos estou olhando a vós farto de opróbrios.» Transbordava de alegria em meio dos mais atrozes suplícios quando, temendo o governador que despertasse Eusébio e não lhe permitisse levar a cabo sua bárbara resolução, fez

que a toda pressa se levantasse uma cruz, ou uma espécie de forca, para pendurar nela a santa. À vista da cruz encheu-se de novo gozo e exclamou dizendo: «Sempre desejei ardentemente, ó amado Salvador meu, dar a vida por vós; mas nunca me atrevi a prometer-me a honra de dá-la num madeiro à imitação de meu divino Mestre. Dignai-vos, Senhor, admitir o sacrifício que vos ofereço dela, tende misericórdia destes pobres cegos e perdoai-lhes minha morte.» Apenas pronunciou estas palavras quando a penduraram os verdugos, e no mesmo ponto em que expirou despertou Eusébio. Em vão encheu o ar de lamentos e de ameaças ao governador; Júlia era morta, e tão inúteis foram suas lágrimas como seu ressentimento.

Logo que expirou a santa apoderou-se um secreto terror do coração dos ímpios que haviam contribuído para sua morte ou se haviam achado presentes a ela. Retiraram-se todos com precipitação e, entretanto, apareceram dois anjos a uns santos monges que habitavam certa ilha vizinha, chamada a ilha Margarita, por outro nome Gorgona, e, tendo-os informado de tudo o sucedido, mandaram-lhes da parte de Deus que fossem retirar o corpo da santa. Embarcaram-se ao ponto e, chegando ao Cabo, encontraram o santo corpo pendente ainda da cruz; e, descolgando-o, voltaram a embarcar-se com ele, levando todos palmas nas mãos e cantando salmos. Os monges da ilha Capraria, ou Cabrera, mais imediata à Córsega que a antecedente, saíram a receber o santo corpo e, acompanhando-o como em triunfo até a porta de seu mosteiro, deixaram que o levassem os de Gorgona, onde esteve sepultado num magnífico sepulcro até o ano de 763, em que Desidério, rei da Lombardia, o fez trasladar a Bréscia, cidade de seus estados e hoje pertencente à república de Veneza, onde foi depositado na igreja do belo mosteiro de monjas que ele mesmo havia fundado e de que era abadessa sua filha Angelberga. Fizeram as religiosas edificar outra igreja muito mais suntuosa que a primeira, dedicando-a a Santa Júlia, e foi trasladado a ela o santo corpo com grande concurso dos povos. O martírio desta ilustre virgem sucedeu no dia 22 de maio. No lugar onde foi pendurada da cruz brotou uma fonte milagrosa, que ainda se conserva hoje, e no mesmo sítio se levantou uma capela em honra da santa, onde cada dia a ilustra mais o Senhor com novas maravilhas.

Santa Rita de Cássia

Entre os povos férteis do reino da Úmbria [^1], pertencentes ao bispado de Espoleto, há um chamado Cássia, a cuja jurisdição pertence Roccaporena, onde no século XIV de nossa era cristã viviam dois esposos com admirável edificação em seu ditoso matrimônio, distinguindo-se sobre outras virtudes na especial graça de ajustar as diferenças, chamados por isso mesmo pacificadores de Jesus Cristo. Sentiam na alma ver-se privados de sucessão; e, para consegui-la, recorreram a Deus por meio de orações fervorosas e obras de piedade, suplicando-lhe que se dignasse conceder-lhes fruto de sua bênção. Ouviu o Senhor propício suas petições e, repetindo com a mãe de Rita os prodígios de fecundidade que antigamente com Ana e Isabel, fez que concebesse em sua ancianidade. Admirada com a novidade, consolou-a um anjo com a agradável notícia de que daria à luz uma filha muito amada de Deus e estimada dos homens por sua eminente virtude. Desde logo quis o céu manifestá-lo assim; pois nasceu sem a menor dor de sua progenitora, dispensando nisto o Todo-poderoso a lei penal imposta a todas as mulheres na cabeça de Eva, pelos méritos previstos da recém-nascida, por cuja boca se viu sair e entrar, estando no berço, um

prodigioso enxame de abelhas brancas como a neve, indício nada equívoco de sua inocência, de seu candor, de sua doçura e de sua suavidade.

Duvidavam os pais sobre o nome que se lhe havia de impor no batismo, e se lhes revelou que fosse o de Rita, jamais ouvido no mundo, mas muito significativo da retidão que acreditou em sua prodigiosa vida. Preveniu-a Deus com suas doces bênçãos; dotou-a de um coração nobre, generoso e compassivo, de um entendimento vivo, sólido, penetrante e perspicaz e de uma propensão natural à virtude. Todas estas qualidades pouparam a seus pais as penosas fadigas da educação, tendo o consolo de ver na menina um pequeno prodígio da divina graça, que parecia obrar nela com mais atividade que a mesma natureza. A leitura dos livros piedosos e outros muitos exercícios de devoção eram todos os entretenimentos de Rita em sua infância; notando-se-lhe já naquela tenra idade um sumo horror a tudo quanto podia lesar levemente a pureza. Olhava com indiferença e até com um total desprezo as galas e vaidades, persuadida de que os adornos exteriores, por mais que sejam preciosos e ricos, não podem dar um só grau de mérito às donzelas cristãs.

Sua formosura, sua modéstia e sua compostura, acompanhadas de certo ar de santidade que se deixava ver em todas as suas ações, mereceram-lhe o conceito da jovem mais prudente e cabal de seu século; e, amada por isso mesmo cada dia mais de seus pais, fazendo estes consistir toda a sua felicidade em proporcionar-lhe um vantajoso matrimônio, apenas chegou à idade competente prometeram-na a um dos muitos que se declararam pretendentes de sua mão, sem consultar com a inclinação da filha nem atender à resoluta determinação que já havia tomado de consagrar ao Esposo eterno sua virgindade. Sentiu Rita na alma um golpe tão inesperado e, consultando em semelhante conflito com o Senhor, foi-lhe inspirado que obedecesse a seus pais; seguindo nisto a divina Providência o desígnio de que fosse um modelo de perfeição no estado do matrimônio, como o havia sido no de virgem.

Logo que entrou Rita no novo estado, fez-se cargo das obrigações e trabalhos dele. Seu primeiro cuidado foi estudar o gênio, a inclinação e o humor de seu marido para dar-lhe gosto em tudo; mas teve a desgraça de que este manifestou em breve tempo uma condição brutal, sendo suas paixões dominantes a cólera e uma desenfreada incontinência. Ainda que a santa se dedicou a temperar a uma com sua modéstia e apacibilidade e a outra com sua paciência e dissimulação, com tudo, deixando-se conduzir o bárbaro marido de sua destemperança, fazia que fosse vítima de seu furor a esposa que por nenhum título o merecia; chegando seus desprezos ao extremo de injuriá-la com indecentes palavras e maltratá-la com piores obras. Sofreu Rita com indizível paciência tão desfeita tempestade por espaço de doze anos, resignando-se em tudo com a vontade de Deus. O único consolo que tinha em suas aflições era o recurso à poderosa intercessão da santíssima Virgem e ao patrocínio de São João Batista, Santo Agostinho e São Nicolau de Tolentino, a quem professava uma particularíssima devoção; empregando-se além disso em rigorosos jejuns e obras de piedade e pedindo a Deus que mudasse a condição de seu esposo. Ouviu o céu suas fervorosas súplicas, fazendo que refletisse o bárbaro marido sobre os grandes exemplos que por tanto tempo havia observado em sua mulher; e assim, admirado de sua apacibilidade, de seu sofrimento e demais virtudes, converteu-se de um fero leão em manso cordeiro; não sendo já aquele homem colérico, altivo, soberbo, dissoluto, mas outro, pelo contrário, modesto, humilde, casto e temeroso de Deus.

Serenada tão terrível borrasca, Rita, cheia de gozo por semelhante mudança, aplicou-se inteiramente à educação dos filhos que se serviu dar-lhe o Senhor e ao governo de sua família, alentando a todos a seguir pelo caminho da virtude com suas sábias exortações e admiráveis exemplos. Ocupada nestes ofícios próprios de sua obrigação, ocorreu o trágico fim de seu marido, que morreu de morte violenta. Sentiu-o extraordinariamente Rita, mas, resignando-se às disposições do céu, ocupou-se em rogar a Deus por seu marido e em educar cristãmente seus filhos. Temerosa de que estes não quisessem com o tempo vingar-se dos homicidas de seu pai, não contente com inculcar-lhes continuamente as máximas do Evangelho sobre o perdão de nossos inimigos, rogou ao Senhor que, se haviam de cometer aquele delito, os levasse antes para si; cuja oração foi ouvida por Sua Majestade.

Vendo-se Rita desembaraçada de tudo o que podia detê-la no mundo, resolveu pôr em execução os primeiros desejos de consagrar-se ao Senhor. Passou para este efeito ao mosteiro de Santa Maria Madalena, da ordem de Santo Agostinho, situado em Cássia, onde pediu o hábito de religiosa com humildes e fervorosas súplicas; mas lho negaram pela primeira, segunda e terceira vez, dispondo-o assim Deus para que fosse mais ruidosa sua entrada. À vista da terceira repulsa, propôs-se formar em sua habitação um retiro onde servisse a Deus como poderia no claustro; ocupou-se em quantos louváveis exercícios recomenda o Apóstolo às verdadeiras viúvas cristãs e brilhou neste estado com o mesmo exemplo maravilhoso que no de virgem e no de casada.

Estando uma noite em fervorosa oração, ouviu bater à porta e chamá-la por seu nome; mas, não tendo visto pessoa alguma logo que saiu a responder pela janela, voltando ao mesmo exercício, ficou num êxtase admirável, e nele lhe apareceram três respeitáveis varões que lhe disseram com doces palavras: «Vem, Rita amada, pois é tempo já de que entres no mosteiro, do qual foste tantas vezes repelida.» Consolada com tão extraordinário favor, acompanhada dos três venerandos emissários, que foram São João Batista, Santo Agostinho e São Nicolau de Tolentino, caminhou por um espantoso sítio que está na ribeira de Roccaporena e entrou no mosteiro de Cássia, estando fechadas todas as portas e janelas, com particular admiração das religiosas, que, à vista do prodígio, tiveram de admitir por força superior a que não quiseram voluntariamente.

Constituída já dentro do claustro, encheu-se o coração de Rita de imponderável consolo ao ver-se retirada do mundo para dedicar-se inteiramente ao serviço do Senhor, acompanhando ao despojo universal de todos os bens da terra o sacrifício de sua própria vontade. Apesar de estar tão acostumada no século à oração e a rigorosas mortificações, logo que vestiu o hábito entregou-se mais e mais a semelhantes exercícios; sujeitou-se rendidamente a todas as miudezas da regra, fugindo cuidadosamente de toda singularidade; e, reputando-se indigna de estar na companhia das religiosas, humilhava-se continuamente diante delas, e não havia no mosteiro ofício tão humilde e penoso que não desejasse fazer. Nenhuma noviça principiou com mais fervor a vida religiosa nem fez em tão pouco tempo maiores progressos na carreira da perfeição. Ouviu um dia no sacrifício da missa cantar aquelas palavras do Evangelho que disse Jesus Cristo a seus discípulos: *Eu sou o caminho, a vida e a verdade*; e, penetrada do significado destas expressões, ficou tão acesa no amor de Deus como se houvesse sido um abrasado serafim.

Com estas preparações fez sua profissão; e na noite seguinte à solenidade daquele ato teve a dita, como o patriarca Jacó, de ver uma escada que chegava desde a terra ao céu, aonde lhe disse seu

esposo Jesus Cristo que havia de chegar pelos degraus de seus votos. Alentada com este extraordinário favor, fez Rita empenho de satisfazer as promessas feitas a Deus e, com efeito, as cumpriu em termos que encheu de admiração as mais perfeitas religiosas. Jamais se viu no claustro mais cega obediência, maior pobreza evangélica nem castidade mais pura. Quis provar a priora a obediência de Rita, mandando-a regar um tronco seco da horta por muito tempo, e sofreu sem réplica este penoso e inútil exercício até que se lhe levantou o preceito. A mesma exatidão observou na pobreza: depois da renúncia total de quantos bens possuía no século, viveu gostosíssima atida à Providência. Em certa ocasião que passava a Roma com suas irmãs (em tempo que não guardavam clausura as religiosas) para ganhar o Jubileu, deu uma prova nada equívoca do amor que professava a esta virtude, lançando a um rio uma moeda que acharam, exortando-as a que deviam caminhar confiadas só na proteção de Deus. Sua delicadeza em guardar a prenda da castidade foi tão escrupulosa que lhe mereceu o renome de Angélica. Fez o príncipe das trevas os mais fortes ataques para manchar sua pureza, representando-lhe os objetos mais vivos e libidinosos; mas foram inúteis todas as suas fortes tentativas, porque as mais furiosas e veementes sugestões só serviram de vergonhosa confusão aos espíritos malignos, ficando sempre vitoriosa Rita das baterias de todo o inferno.

A penitência com que nossa santa castigou seu corpo encheu de assombro os espíritos mais perfeitos. Sobre os rígidos jejuns que fazia nos dias prescritos pela Igreja, observava duas quaresmas além da comum para todos, jejuava a pão e água em todas as vésperas das festividades de Maria santíssima e acrescentava outras asperíssimas mortificações. De contínuo trazia pegada à carne uma túnica de cerdas de porco com que se martirizava. Todos os dias tomava três sangrentas disciplinas; a primeira com correntinhas de ferro, em sufrágio dos defuntos; a segunda com correias, pelos benfeitores; e a terceira com cordéis retorcidos, pela conversão dos pecadores. Aos que a repreendiam sobre este rigor respondia com o Apóstolo que castigava seu corpo para reduzi-lo à servidão da razão e para desarmar desse modo o inimigo infernal; deixando-se ver em meio de tão excessivas macerações acompanhada de apacibilidade, doçura, suavidade e uma modesta alegria para com todos.

Portentosa Rita em todos os referidos exercícios, no que mais se deixou admirar foi no modo maravilhoso com que estava dedicada à oração. Ainda que se pode dizer que orava todo o dia, porque sempre se achava sua mente elevada a Deus, empregava-se com especialidade neste santo exercício desde a meia-noite até romper a aurora; parecendo-lhe tão curto este tempo que se queixava não poucas vezes do sol, porque ao sair a inquietava com seus raios, tirando-lhe o repouso e a quietude que gozava com o silêncio da noite em suas doces contemplações, nas quais não poucas vezes se deixava ver em amorosos êxtases, o corpo imóvel, os olhos levantados ao céu ou cravados fixamente na imagem de um crucifixo, o rosto inflamado com o fogo do amor divino, tão agradável e pacífico que mostrava bem os deliciosos consolos que desfrutava sua alma.

Os mistérios da paixão e morte de nosso Redentor eram a matéria mais frequente de suas altas meditações; e, para que estes pudessem excitar sua devoção e afeto com maior eficácia, fez fixar em sua cela os passos da Paixão de Jesus Cristo, com o fim de visitar a Via-Sacra todos os dias; cujo exercício praticava com tal ternura que em repetidas ocasiões a acharam as religiosas ou alheada inteiramente dos sentidos ou lançada em terra, desfalecida à força da dor que sentia sua alma.

Contemplando certo dia a veemente dor que padeceria o Senhor quando lhe puseram a coroa de espinhos, suplicou-lhe que se dignasse fazê-la participante daquela pena; e, com efeito, condescendendo Jesus Cristo com seus rogos, fixou-lhe na fronte um agudo espinho de sua coroa, o qual, sobre a dor vivíssima que lhe causou, lhe produziu uma chaga incurável, sempre cheia de vermes e de putrefação, cujo intolerável fedor a fez separar-se de suas irmãs para não lhes ser molesta, ficando por este motivo sozinha em plena liberdade para comerciar unicamente com Deus. Sofreu com indizível paciência todo o decurso de sua vida esta penosíssima mortificação, com exceção de um curto tempo que passou em Roma para ganhar o Jubileu, no qual, por haver-se resistido a superiora a conceder-lhe esta licença em razão da nojeira da chaga, se lhe fechou prodigiosamente; ainda que, em seu regresso ao mosteiro, se voltou a abrir, mantendo-se na mesma disposição até sua morte.

O mérito que contraiu Rita no dilatado tempo de seu padecer e o grau a que se elevou seu espírito na contemplação não são fáceis de explicar-se, como tampouco o heroísmo em toda classe de virtudes teologais e morais. À fama de sua eminente santidade concorriam inumeráveis pessoas de todas as partes com o fim de admirar aquele oráculo celestial, pois, entre outras graças especiais que lhe dispensou o Espírito Santo, teve a de um alto conhecimento, penetração e explicação dos mais sublimes mistérios de nossa santa fé.

Visitou-a o Senhor por último por meio de uma penosa e dilatada enfermidade, na qual deu exemplo de sofrimento e resignação, sem perder nunca, em meio das dores, sua apacibilidade, sua tranquilidade e sua paciência inalterável. Sobretudo encheu as religiosas de admiração o ver como se podia manter tanto tempo com o curto alimento que tomava, e creram que a frequência da sagrada Eucaristia suprisse o sustento corporal. Enfim, consumida aquela bem-aventurada vítima, mais pela força do amor divino que pelo rigor da enfermidade, depois de haver recebido os últimos sacramentos com a devoção e ternura próprias de seu espírito e de haver pedido a suas irmãs perdão por seus defeitos, recreada com a vista de seu amado esposo e de sua santíssima Mãe, que a deixaram mergulhada em doces contemplações, rendeu seu espírito nas mãos do Criador no dia 22 de maio do ano 1456 [^2], ficando seu rosto tão formoso e apacível como se estivesse dormindo.

Logo que expirou, deu o céu grandes sinais da santidade e glória de sua fiel serva por meio de muitos prodígios. Seu corpo despediu uma fragrância sobrenatural que transcendeu por todo o mosteiro; tocaram-se por si mesmos os sinos de Cássia, anunciando o ditoso trânsito daquela amada esposa de Jesus Cristo; mas o mais admirável foi que a chaga de sua fronte, que até ali se manteve cheia de vermes e putrefação, se viu coberta de um resplendor brilhantíssimo. Tiveram as religiosas no féretro seu cadáver alguns dias para satisfazer a devoção da multidão de gentes que concorriam a venerá-lo; depois o depositaram no mesmo oratório em que teve a dita de ser participante do espinho da coroa do Senhor, onde se conserva com grade para o coro e para a igreja, para que tanto as religiosas como o povo possam desfrutar a vista daquele venerável corpo, que se mantém depois de tantos séculos incorrupto, com as mesmas aparências, cor e flexibilidade que se estivesse dormindo; com a particularidade de participar igual incorruptibilidade os vestidos com que se enterrou e até os que usou em vida.

A multidão de milagres que obrou o Senhor pela intercessão de Rita moveu as religiosas de Santa Maria Madalena de Cássia a que solicitassem da Sé Apostólica sua beatificação e canonização; e, reunidas suas eficazes súplicas com as dos povos da Úmbria e de toda a religião de Santo Agostinho junto a Urbano VIII, constando a Sua Santidade os mesmos prodígios quando foi bispo de Espoleto, concluídos os processos informativos correspondentes, declarou-a beata por sua bula de 2 de outubro de 1627 e depois mandou pô-la no catálogo dos santos, com as cerimônias costumadas, no ano de 1634 [^3].

No dia em que se celebrou a festa de sua beatificação, entre outros muitos milagres, advertiu-se com particular admiração da multidão de concorrentes que abriu a santa os olhos tão refulgentes como se estivesse viva; e, continuando Deus em fazê-la maravilhosa, todos os anos, no dia de sua festividade, levanta-se seu corpo do fundo onde está até a superfície da grade; e, quando algum dos superiores correspondentes quer vê-lo por devoção ou por outro motivo, eleva-se à superfície da arca para oferecer-se à inspeção mais facilmente. Nota-se também que, quando o Senhor quer fazer algum milagre por sua intercessão, se percebe alguns dias antes um odor fragantíssimo no mosteiro.

Santa Quitéria, Virgem e Mártir

Santa Quitéria, cuja memória é e tem sido célebre na Espanha desde os primeiros séculos da Igreja, ainda que nasceu de pais gentios, dispôs a divina Providência ilustrá-la com o conhecimento do verdadeiro Deus por meio da fé, na qual foi educada desde seus mais tenros anos. Muitos escritores estimam por fabulosa a história do nascimento desta ilustre mártir de Jesus Cristo com o de suas oito irmãs; mas aos reparos que contra ela objetam os críticos satisfaz-se por todas na vida de Santa Librada, dia 20 de junho, aonde remetemos o leitor para não molestá-lo com igual repetição sempre que se trata de cada uma destas santas.

Não obstante a certeza de seu martírio, sobre o que não deixa dúvida alguma seu culto imemorial na Espanha, autorizado pelos ofícios eclesiásticos, variam os escritores na relação de sua vida e atas do mesmo martírio; mas esta diversidade é inculpável num reino que tem sofrido tantas e tão repetidas irrupções dos bárbaros, por cujo furor pereceram os monumentos antigos relativos a esta e outros muitos mártires, defraudando a posteridade de notícias tão importantes. Os mais escrupulosos críticos que adotam a opinião de haver padecido nossa santa na Gasconha parece que deviam dar-nos uma relação genuína de suas atas, para estimar, como estimam, por fabuloso quanto dela escrevem os autores nacionais, mais dignos de crédito que os estrangeiros em fatos da nação, segundo regras de uma prudente crítica.

Em atenção ao dito, não referimos as atas desta ilustre mártir, segundo se leem em alguns escritores pátrios, pelas complicações que se notam nelas; nem nos atrevemos a resolver se com efeito padeceu Quitéria em Montemor, do bispado de Évora; ou no vale de Adaloga, perto de Sardenela, contíguo ao monte Pombeiro, a quatro léguas de Coimbra, segundo escrevem os portugueses; ou em Majaliza, povoado do campo de Toledo; ou na Gasconha da França, como

sentem outros. Mas, como a diversidade destas opiniões não diminui a certeza de seu martírio, em que todos convêm, ainda que adotem por lugar de seu martírio aquele em que se lhe tributa um culto muito particular, parece que devemos contentar-nos com venerar esta ilustre mártir de Jesus Cristo, que testificou com seu sangue as infalíveis verdades de nossa santa fé contra o supersticioso furor dos pagãos, pelos anos 303, na cruel perseguição que suscitaram contra a Igreja os imperadores Diocleciano e Maximiano, inimigos irreconciliáveis do nome e religião cristã.

Martirológio Romano

Em Roma, os santos mártires Faustino, Timóteo e Venusto.

Na África, os santos Casto e Emílio, que consumaram seu martírio pelo fogo. São Cipriano escreve deles que, tendo sido vencidos no primeiro combate, com a graça de Deus saíram vencedores no segundo, ficando feitos mais fortes que as chamas os que antes cederam às chamas.

Na ilha de Córsega, Santa Júlia, virgem, que pelo suplício da cruz alcançou a coroa da glória.

Em Comana, na província do Ponto, São Basilisco, mártir, a quem no tempo do imperador Maximiano e do presidente Agripa se fez calçar uns sapatos de ferro com pregos feitos brasas; depois de outros multiplicados tormentos, tendo sido decapitado e lançado ao rio, chegou à glória do martírio.

Na Espanha, Santa Quitéria, virgem e mártir.

Em Ravena, São Marciano, bispo e confessor.

No território de Auxerre, São Romano, abade, que serviu a São Bento em sua gruta de Subiaco; depois, tendo ido à França, edificou um mosteiro e, deixando nele muitos discípulos imitadores de sua santidade, passou ao repouso do Senhor.

Em Aquino, São Fulco, confessor.

Em Pistoia, na Toscana, o bem-aventurado Aton, bispo, da ordem de Vallombrosa.

Em Auxerre, Santa Helena, virgem.

Em Cássia, na Úmbria, a bem-aventurada Rita, viúva, religiosa da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, a qual, vendo-se desprendida dos laços do matrimônio, amou unicamente o celestial esposo Jesus Cristo.

Missa (oração)

A missa é do domingo precedente, e a oração é a que se encontra nas atas antigas da santa e diz assim.

> **Latim:** *Deus, creator et conservator omnium gentium, misericordiam tuam humiliter postulamus, ut hunc diem beatæ Juliæ martyris tuæ congruis actionibus celebrantes, sempiterna quoque exsultatione lætemur. Per Dominum nostrum.*

Português: Ó Deus, criador e conservador de todos os homens, humildemente imploramos vossa misericórdia, pedindo-vos que nos concedais que, ao mesmo tempo que celebramos a festa de vossa bem-aventurada mártir Júlia, o melhor que nos é possível, mereçamos algum dia acompanhá-la nos eternos gozos da glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 3 do livro de Tobias.

Tobias 3,14-17

> **Latim:** 14 Ad te, Domine, faciem meam converto ; ad te oculos meos dirigo. 15 Peto, Domine, ut de vinculo improperii hujus absolvas me, aut certe desuper terram eripias me. 16 Tu scis, Domine, quia numquam concupivi virum, et mundam servavi animam meam ab omni concupiscentia. 17 Numquam cum ludentibus miscui me, neque cum his qui in levitate ambulant, participem me præbui.

Português: 14 Para ti, Senhor, volto a minha face, para ti dirijo os meus olhos. 15 Peço-te, Senhor, que me livres do laço dêste impropério, ou que ao menos me tires de cima da terra. 16 Tu sabes, Senhor, que eu nunca desejei marido, e que conservei a minha alma pura de toda a concupiscência. 17 Nunca me comuniquei com os que solgavam: Nem tive comércio com os que se conduziam com levianidade.

Nota

«São autores deste livro os dois Tobias, pai e filho, tendo-lho mandado escrever o anjo São Rafael para informar à posteridade das maravilhas do Senhor. E, tendo-o composto no país dos assírios e

dos medos, onde se achavam cativos, não se duvida de que o escreveram em língua caldaica, e depois o traduziu São Jerônimo em latim. Tobias, o pai, foi feito cativo e conduzido a Nínive por Salmanasar, rei da Assíria, no ano 3274 da criação do mundo, isto é, cerca de 790 anos antes de Jesus Cristo.»

Reflexões

Nunquam cum ludentibus miscui me. Nunca concorri nem me misturei com os que gostavam de divertir-se. Se as diversões das gentes do mundo são tão inocentes como elas dizem; se não há culpa nem perigo em divertir-se como elas se divertem, a que fim alega Sara por mérito o não haver concorrido com elas a suas diversões? Em meio disso, todo o plano de vida que formam os mundanos se reduz a uma cadeia, a um tecido, a uma continuação de passatempos; os que não se acham em todos são olhados com uma espécie de compaixão, tanto dos jovens estouvados como das mulheres mundanas.

Tiranizado o entendimento pelas paixões, todo ele se consome em discorrer arbítrios para acalmar a inquietação de um coração faminto continuamente. Absorvem todo o tempo as visitas, o jogo e os espetáculos; e basta hoje em dia ser homem visível, ter conveniências, achar-se num emprego distinto, para que durem toda a vida os divertimentos.

Assegura o Senhor que o salvar-se custa muito; que para entrar no céu são necessários grandes esforços; que o caminho que conduz à vida é muito estreito. Pois certamente que, se se salva a maior parte dos cristãos, desmente-se a verdade destes divinos oráculos. Que esforços faz para entrar no céu toda essa multidão brilhante de cristãos, para quem todos os dias são dias de passatempos e toda a vida é uma continuada cadeia de festas e de diversões requintadas?

Que lhe terá custado essa pedra preciosa a toda essa gente criada no regalo e na sensualidade, enfastiada de sua mesma ociosidade, a quem só o nome de mortificação estremece e causa horror? Que lhe terá custado essa rica coroa a todas essas pessoas do mundo, ocupadas unicamente em inventar novos gostos, novos primores para o prazer e em perpetuar sua duração? Verdadeiramente, a menos que seja penitência essa mesma delicadeza, essa mesma ociosidade e essa mesma vida deliciosa, não se sabe que penitência faz toda essa gente. Mas para que, ou por quê, se derramarão tanto para fora esses homens buliçosos? A que fim uma vida tão atropelada e tão tumultuosa? Digamo-lo com franqueza: esforçam-se por derramar-se tanto para fora porque interiormente se sentem despedaçados de mil sobressaltos, de mil remorsos de que são presa aquelas pobres almas. A verdadeira origem dessas ocupações ruidosas e estouvadas dos homens é a ânsia que têm de fugir de si mesmos; para uma alma mundana o maior suplício é o silêncio e a quietude; cada paixão é uma fúria, cada ideia é um espectro para quem vive no pecado. Aquela contínua agitação não nasce de outro princípio que do desejo de evitar, se fosse possível, a vista de si mesmo; o consolo de esquecer-se de si mesmos por algumas horas é, ao que parece, todo o gosto que percebem os mundanos nessa inquieta multiplicação de diversões; daqui provém depois aquela agonia tão espantosa nos últimos dias e nas derradeiras horas da vida. Mas que mal há em

divertir-se?, dizem alguns. Eu quisera perguntar-lhes: será vida digna de um cristão uma vida malograda em mil inutilidades, fatigada, por assim dizer, do mesmo regalo e da mesma ociosidade? E, se não é vida cristã, não será um grande mal? Diverte-se a gente, dizem outros, porque não sabe que fazer: belamente! Mas respondam-me: e as obrigações de um cristão permitem-lhe jamais dizer que não sabe que fazer? É possível que, porque seja homem de conveniências, pessoa de distinção, só porque seja jovem, já não tenha obrigações que cumprir nem coisa precisa em que empregar o tempo? Ah, de quão diferente maneira se discorre na hora da morte! Aquele leito e aquela hora são a verdadeira luz, à qual descobrimos muitas obrigações que antes não se viam. E crer-se-á então que as diversões mundanas eram uma ocupação verdadeiramente honesta e inocente? Causará grande consolo naquela hora o haver passado uma vida tão pouco cristã?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Mateus.

Mateus 6,22-23

> **Latim:** 22 Lucerna corporis tui est oculus tuus. Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit. 23 Si autem oculus tuus fuerit nequam, totum corpus tuum tenebrosum erit. Si ergo lumen, quod in te est, tenebræ sunt : ipsæ tenebræ quantæ erunt ?

Português: 22 O teu olho he a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples: todo o teu corpo será luminoso. 23 Mas se o teu olho for máo: todo o teu corpo estará em trévas. Se pois a luz, que em ti ha, são trévas: quão grandes não serão essas mesmas trévas!

Meditação

Da cegueira interior

Primeiro ponto

Considera que o conhecimento é a luz da alma, como a vista o é do corpo: tira ao homem esta luz e ficará nas trevas; despoja a alma daquela e se precipitará na ignorância. As trevas materiais causam a cegueira do corpo, e a ignorância a da alma. Esta ignorância, quando é culpável, faz que a um mesmo tempo se ignore e se cometa o pecado, ou autorizando a paixão ou desviando a

atenção.

Peca-se, dizem alguns, porque não se aplica a necessária reflexão para evitar o pecado; peca-se porque não se pensa que o divertir-se, o jogar, o viver numa honesta ociosidade e com todo o regalo possível seja uma grande culpa. Não se pensa? Pois em que se pensa, se a lei santa de Deus, se as obrigações do cristão, se o Evangelho de Jesus Cristo, se o importante e espinhoso negócio da salvação não levam toda a nossa atenção e não fixam nossos desejos e nossos pensamentos?

Em vão pretendemos aturdir-nos para não ver o perigo; o mesmo perigo nos avisa e nos desperta. Essas espessas trevas levantam-se do coração; amamos o perigo, e por isso não se quer ver sua gravidade. Quer-se que não haja especial dissonância moral nessa vida ociosa e regalada, nesses entretenimentos que lisonjeiam excessivamente os sentidos, nesses jogos de profissão, nessas diversões intermináveis, nesses profusos e continuados banquetes, nesses espetáculos, nessa profanidade. Isto se quer; mas deixará de ser mau só porque se quer que não o seja? E a ignorância afetada do mal canonizará uma vida que o espírito da religião e o Evangelho de Jesus Cristo declaram não ser inocente? Fecham-se, tapiam-se todas as janelas por onde pode entrar a luz e diz-se depois que nada se vê. Excita-se de propósito uma fumaça densa e vive-se com segurança porque não se percebem os objetos. Procura-se ressecar o humor cristalino, arrancam-se os olhos voluntariamente por paixão, por loucura ou por furor e tranquiliza-se o espírito dando por razão que não vê porque está cego. Esteja são o coração, e logo o estará a alma; purifique-se aquele, e desde logo se dissiparão as névoas, as ilusões, as trevas desta.

De boa-fé, cremos que Deus nos há de julgar pelo particular sistema de consciência que cada um forma voluntariamente? Apoderam-se as paixões do coração e tiranizam o entendimento; tudo se julga em seu tribunal, admite-se o que elas aprovam e se condena o que reprovam. Elas são as que aconselham aos homens mundanos aquele extravagante sistema de consciência que eles mesmos forjam; e ainda quererão que Deus se haja de governar precisamente por esta obra das paixões quando se trate de pronunciar sentença definitiva sobre nossa eterna sorte. Ainda pretenderão que então haja de escusar o Senhor nossas fraquezas. Que conceito fazemos, Deus meu, de vossa justiça e de vossa prudência quando imaginamos que umas ilusões e uns erros tão voluntários hão de ser a regra dos costumes!

Segundo ponto

Considera que a paixão é a que ordinariamente causa a cegueira. A paixão nunca discorre, sempre é cega. Tem olhos, mas só para ver os objetos com as cores que ela lhes empresta. Aborrecemos uma pessoa? Pois não é mister mais para que nos desagrade tudo o que faz.

Aborreciam os fariseus o Salvador: daqui nasceu que toda a eminente virtude do Salvador não bastou para abrandar-lhes o coração. Peçonhentizam tudo o que diz e condenam tudo o que faz. Se ressuscita mortos em sua mesma presença, o demônio é quem os ressuscita. Todos os seus milagres se obram (no ditame deles) por virtude de Belzebu, príncipe dos demônios. A enfermidade dos fariseus comunicou-se aos homens do mundo; entre estes a paixão é a que decide, não a razão

nem a religião. Dizem que têm horror ao pecado; mas não querem que haja pecado naquelas coisas que os lisonjeiam. Sobra-nos luz para descobrir uma palha ou átomo que não nos interessa ou que se acha nos olhos de outro; mas não vemos uma trave de lagar nos nossos. Não se atreviam os fariseus a entrar no palácio de Pilatos por não se contaminarem: vamos, que a delicadeza de consciência era requintada; mas ao mesmo tempo pediam sem escrúpulo a morte do Salvador. De quantas cópias será original esta farisaica conduta!

Mas a cegueira da alma não somente é um grande mal, é muitas vezes efeito do próprio pecado. Resististe por longo tempo às luzes da graça; pois amorteceram-se. Não te aproveitaste dos talentos; pois te foram pedidos de volta. Afogaste as mais fortes inspirações; pois já não te fazem impressão. Fechaste os olhos aos raios do sol; pois encobriu-se-te. E então, meu Deus, que de tropeços! Que de extravios! Que de enganosas ilusões! Que de falsas ideias! *Doze horas tem o dia* (diz o Salvador); *o que caminha de dia não tropeça; mas o que caminha de noite anda tropeçando, porque lhe falta a luz. Caminhai enquanto vos alumia a luz, para que não sobrevenha a noite. O que caminha em trevas não sabe por onde vai.*

Meu Deus, quão perniciosa e quão universal é esta cegueira voluntária! Que maior cegueira nas pessoas do mundo que a de crer em Jesus Cristo, crer em seu Evangelho e viver como elas vivem! Que cegueira a dos homens de negócios quando se trata de seus interesses! Que cegueira a dos grandes do mundo em não aconselhar-se para sua conduta quase mais que com a ambição, com o fausto e com a sensualidade! Que cegueira a dos jovens em entregar-se precipitadamente à mais desenfreada licença de costumes! Que cegueira a dos anciãos em não dedicar ao menos o resto de seus curtos e miseráveis dias ao negócio importante da salvação! Que cegueira a das pessoas devotas em dar em tantas e tão perniciosas ilusões! Que cegueira, enfim, a das pessoas religiosas em descuidar tanto a perfeição de seu estado e em viver uma vida tão pouco regular!

Livrai-me, Senhor, por vossa misericórdia, de um mal que conduz à maior de todas as desgraças. E, pois ainda me alumiais para que conheça o perigo, fazei, meu Deus, que o evite e que trabalhe seriamente em minha salvação enquanto me ilumina a luz.

Jaculatórias

> *Domine, ut videam.* Mc 10.

Fazei, Senhor, que eu veja e que não caminhe em trevas.

> *Illumina oculos meos, ne unquam obdormiam in morte.* Sl 12.

Abri, Senhor, meus olhos para que jamais se fechem com o sono fatal da morte eterna.

Propósitos

1. A cegueira interior é tanto mais funesta quanto é mais voluntária e por isso mesmo mais difícil de curar. O cego de Jericó gritava com todas as suas forças: *Senhor, tende misericórdia de mim;* e o Salvador lhe pergunta que quer que se faça com ele, só para ouvi-lo dizer: *Senhor, que eu veja.* Não pede que o curem o que não se imagina enfermo. Poucos cegos há de alma e coração que julguem estar verdadeiramente cegos; por isso há poucos que sarem de sua cegueira. Daqui nasce aquela obstinação no erro, aquela teimosia de partido, aquele aferramento a seu próprio juízo e a suas próprias ideias, que, sendo sempre efeito de alguma violenta paixão, fecham a entrada à conversão e todas as janelas à luz e à impressão da graça. Este é o estado mais infeliz de todos os estados; considera-o como tal e, portanto, desconfia de teu próprio juízo, de tua própria opinião, de teus limitados alcances, e sujeita-os com docilidade, não só ao juízo da santa Igreja, sem o que não há salvação, mas também ao dos que te governam, sem o que corres grande perigo de extraviar-te e de precipitar-te no erro. Serás dócil se fores humilde; a cegueira interior sempre é efeito do interior orgulho e da corrupção do coração.

2. O Evangelho é a regra dos costumes; vivem cegos os que só se governam pelas máximas do mundo; e daqui provém aquela fatal segurança em meio de seus extravios. Todas as paixões cegam; desconfia de tudo o que tem parentesco com elas e guarda-te bem de julgar nem sequer a mais mínima coisa em seu tribunal. Observa as advertências seguintes. Primeira: Inquietou-te ou desobedeceu-te um filho, um súdito, um criado: dissimula, difere a correção até que estejas sossegado e tranquilo; é mister meio dia e algumas vezes são necessários muitos para que se serene a paixão, e esta dilação sempre te será muito proveitosa. Segunda: A mesma regra hás de observar com todos os que te ofendem. Depois da tempestade e na calma apresentam-se os objetos de muito outra maneira; então poderás obrar como cristão e como homem prudente. Terceira: Professa uma humilde, cega e perfeita submissão a todas as decisões da Igreja, como também uma inteira deferência às ordens de teus superiores. O primeiro fruto da cegueira é a indocilidade; e a maior prova da indocilidade é a adesão ao próprio juízo. Quarta: Condena todas as máximas do mundo e olha seu espírito com horror. Só a cegueira interior pode autorizar como de todo inocentes sua profanidade, sua ociosidade, suas diversões, seus jogos, seus espetáculos, suas reuniões perigosas. Quinta: Tem um diretor santo, ou pelo menos sábio e desinteressado; e nada faças sem seu conselho ou sem sua ordem. *Ne innitaris prudentiæ tuæ,* diz o Sábio [^4]: não te fies em tua prudência. Vemos os rostos dos outros, mas não vemos o nosso; não é muito que não descubramos nossas manchas.

[^1]: O original diz «reino de Ungría» (Hungria), evidente equívoco: Cássia (Cascia) e Roccaporena ficam na Úmbria, na Itália, no bispado de Espoleto, como o próprio texto indica. A mesma menção reaparece mais adiante («povos de Ungría»), igualmente corrigida para Úmbria. [^2]: Data tal como no original; a tradição atual costuma indicar 22 de maio de 1457 (ou 1447) para a morte de Santa Rita. [^3]: Tal como no original. Segundo a tradição posterior, Urbano VIII a beatificou em 1627 e sua canonização foi proclamada por Leão XIII em 24 de maio de 1900. [^4]: Pr 3,5. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota («Prov. 3») aparece deslocado, no início do

dia 23.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:27 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:27 by Admin